

PRECIADO, Paul B (2019). (2020a). *Je suis un monstre qui vous parle: rapport pour une académie de psychanalystes*. Paris, Bernard Grasset.

Corpo-Política Epistémica: a Monstruosidade Falante

Fabián Cevallos Vivar

*Investigador em Pós-doutoramento, Faculdade de Belas-Artes,
Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, CIEBA. Universidade de Lisboa
fabiancvivar@gmail.com*

Paul Beatriz Preciado é filósofo, ativista e curador. Um dos teóricos mais importantes da teoria queer. É uma das vozes críticas das desigualdades nas relações de poder que dominam o mundo capitalista, colonial e heteropatriarcal. O autor tem se proposto na sua atividade intelectual agir como um corpo falante, dessa forma, tem sugerido desconstruir as tecnologias sexuais que o oprimem em termos de género, sexo e natureza. Outras obras importantes do seu percurso são: *Pornotopía* (2010), *Testo Yonqui* (2009), *Manifesto Contrassexual* (2000), *Um apartamento em Urano* (2020b).

*Je suis un monstre qui vous parle: rapport pour une académie de psychanalystes*¹ é o título do discurso através do qual Paul B. Preciado faz uma crítica radical à academia de psicanalistas de Paris. Reunidos ao redor do tema “Mulheres na psicanálise”, nas Jornadas Internacionais de *l’Ecole de la cause freudienne*, o autor encarnou um desafio do nosso tempo: repensar a crise do paradigma epistemológico-ontológico para transgredi-lo, não só no interior dos debates psicanalíticos, mas também em outras áreas do saber.

¹ Disponível em Espanhol na editora Anagrama. Ainda não existe uma tradução ao Português. O autor preconizou no texto que atualmente trabalha numa ampliação à crítica do pensamento psicanalítico da sexualidade em Freud e Lacan.

Para exemplificar este procedimento, Preciado escolheu se identificar com um sujeito mutante: o macaco kafkiano Pedro, o Vermelho (1917)² um sujeito que não se sente em casa no próprio corpo. O autor expõe através dessa metáfora a prisão do paradigma hegemônico, visibilizando e construindo articulações analíticas ao propor um outro paradigma das monstrosidades falantes. Distingo três aportes centrais da sua argumentação:

1) Crítica à epistemologia dominante (racional-científica) da diferença sexual.

Contra a universalidade do pensamento proposto pela Lei paterna em Freud e Lacan, Preciado propõe a crítica à epistemologia dominante (racional-científica) da diferença sexual. Ao contribuir com a visibilidade do contexto cultural e político na produção e reprodução do conhecimento, ele denuncia o regime heteropatriarcal, colonial e capitalista.

Segundo o autor, a teoria psicanalítica precisa de ser revisitada para elaborar novas ferramentas de trabalho, pois ela compartilha três taxonomias: a diferença sexual; o racismo eurocentrado; e o sistema binário entre a norma e a patologia. Ao situar o contexto económico-político e social do nascimento da teoria psicanalítica, Preciado procura argumentar a produção da invisibilidade dos corpos mutantes que falam. O seu objetivo é desmontar o sistema heteronormativo na abordagem psicanalítica da sexualidade lembrando, ao mesmo tempo, uma “crítica ao humanismo colonial europeu e as suas taxonomias antropológicas” (PRECIADO, 2020: 16). Como argumenta o autor:

É interessante pensar a psicanálise freudiana, como teoria do aparelho psíquico e como prática clínica, que foi inventada justamente na época em que se cristalizaram as noções centrais da epistemologia das diferenças raciais e sexuais: raças evoluídas e raças primitivas, o homem e a mulher definida como anatomicamente diferentes e complementários por seu poder reprodutivo, como figuras potencialmente paternas e maternas, respectivamente, nas instituições familiares coloniais burguesas; mas também a heterossexualidade e a homossexualidade entendidas respectivamente como normais e patológicas (PRECIADO: 77).³

Nos discursos coloniais psicanalíticos há uma ausência cognitiva: o trauma como produto histórico da opressão sexual, de género, de raça e de classe e as suas

² Um relatório para uma Academia.

³ Todas as traduções são minhas.

consequências na conformação da psique. Um abismo que reproduz o sistema em que as alteridades subordinadas constituem o exótico, estranho e monstruoso reflexo da branquitude heteronormativa (ESPINOSA, 2007).⁴

Mas, quais são os impactos de viver o corpo e a sexualidade como uma doença? O procedimento de identificar, diagnosticar e solucionar as patologias individuais, apoiado pela suposta autonomia do saber médico, quando é aplicada aos estudos da realidade social em geral, produz a patologização da mesma. De fato, o exclusivismo epistemológico e a intervenção da saúde pública em corpos diversos criou o ambiente propício que leva a pensar estes corpos no marco da doença. O sofrimento causado pela hegemonia do saber biomédico potencializou formas de dominação, exploração e exclusão que reproduz zonas de não ser (FANON, 2009). Nas palavras do autor:

O corpo trans é a Colônia (...). A psicologia clínica e a medicina participam de uma guerra para a imposição e normalização dos corpos trans.

O migrante perdeu o Estado-Nação. O refugiado perdeu a sua casa. A pessoa trans perdeu o seu corpo. Eles atravessam todos as fronteiras. As fronteiras os constituem e atravessam. Os destitui e os derruba (Preciado, 2020a: 5).

A destituição da pretensão universalista, tão cara à teoria psicanalítica da sexualidade,⁵ acaba por se limitar à energia psíquica heteropatriarcal (HALBERSTAM, 2008) ao potencial reprodutor (pênis ereto, penetrante e que ejacula), e à posição de poder discursiva e institucional. É crucial uma revisão não só do Complexo de Édipo, mas também de outras noções tais como: a organização da libido; atividade-passividade; inveja do falo; complexo de castração; mulher fálica; amor genital; histeria; masoquismo; bissexualidade; androgenia; fase fálica; posição edipiana; estados pré-genital e genital; perversão; coito; prazer preliminar; homossexualidade e heterossexualidade.

Da mesma maneira, não é unicamente uma questão do inconsciente estruturado como linguagem, como faz Lacan no seu meta-sistema sobre a ordem simbólica do real. Segundo Preciado, o autor também contribui à normatização/regulação, por exemplo, de crianças intersexuais e a patologização da transexualidade (PRECIADO, 2020a: 92-93).

⁴ A luta anti-manicomial e a Reforma Psiquiátrica brasileira são exemplos da crítica radical ao saber psiquiátrico a partir da afirmação da dignidade humana e contra a razão excludente. Para uma crítica europeia da psicanálise: Francesc Tosquelles, Félix Guattari, Jean Oury.

⁵ Para uma crítica anti-racial, anti-colonial da teoria de Freud e Lacan ver: Fanon (2009), González (2020), Kilomba (2019), Segato (2015) que ensaiam uma leitura psicanalítica situada no Sul global.

Para Lacan, os transexuais são as vítimas psicóticas de um erro: "eles confundem o órgão com o significante". É possível se livrar do órgão, mas não é possível se livrar do "significante" da sexuação, da ordem simbólica que divide todos os seres em masculino e feminino, afirma Lacan (PRECIADO: 102).

O sistema de diferença sexual não pode esquecer que a linguagem está inserida dentro de um sistema racial, do binarismo sexual e da genealogia patriarcal da sociedade, em outras palavras, das suas relações de poder desiguais e da exclusão social e econômica entre gêneros, sexualidades e raças. A redução da realidade social à linguagem ou à discursividade cria um abismo entre as práticas não discursivas -de corpos diversos que falam-, invisibiliza práticas de silenciamento e, portanto, do discurso de grupos sociais subalternizados. Assim:

A psicanálise não é uma crítica dessa epistemologia, mas a terapia necessária para que o sujeito patriarcal-colonial continue a funcionar, apesar dos enormes custos psíquicos e da violência indescritível desse regime. Diante de uma psicanálise despolitizada, precisaremos de uma Clínica radicalmente política que comece com um processo de despatriarcalização e descolonização do corpo e do aparelho psíquico (PRECIADO: 85).

2) *Promoção de uma união pluralista e interseccional na produção de saberes.*

Preciado questiona a desunião dentro da diversidade com o objetivo de fomentar uma união pluralista e interseccional na produção de saberes. Ele busca ouvir uma conjunção de vozes oprimidas e aponta para a necessidade de novas tecnologias que se fazem necessárias, a partir das quais os corpos falam e produzem conhecimentos pluriversais.

Em sua obra,⁶ Preciado faz uma crítica à três estruturas do pensamento ocidental contemporâneo (medicina, direito e psicanálise), com o objetivo de exemplificar o sistema de produção de violência epistêmica e necropolítica (MBEMBE, 2001). Compartilha elementos teórico-metodológicos que já têm sido estudados em várias escolas de pensamento: os estudos da subalternidade (SPIVAK, 2010), (CHAKRABARTY, 2000); os pós-colonialismos (WA THIONG'O, 2015), (LOOMBA, 1998); a decolonialidade (QUIJANO, 2014), (LUGONES, 2014); os feminismos pluraes (CRENSHAW, 1989), (HAMMONDS, 1997), (LORDE, 1993); (FRANCO, 2014); os

⁶ Cfr. *Manifesto Contra-sexual* (Orfeu Negro, 2000), *Pornotopia* (N-1 edições, 2020), *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica* (N-1 edições, 2018); e, *Um Apartamento em Urano* (Bazarov, 2020).

black queer studies (LANE, 2016), (JOHNSON, HENDERSON, 2005); transfeministas (GALINDO, 2011), (ROJAS, GODOY, 2017), entre outras.⁷

Sem a expressividade das feridas de classe e raça dentro da subalternidade sexual, a monstrosidade pode também gerar violência e ser construída, novamente, a partir do silenciamento de alteridades colonizadas (MAMA, 1995). É um erro reduzir a diversidade de experiências a favor de uma suposta unidade entre anormais-monstruosos com o objetivo da liberação sexual sob o paradigma de Ocidente, como pretende o discurso branco-queer. Os *black queer studies* têm chamado a atenção sobre esta condição: “os *black studies* têm historicamente omitido questões de (homo)sexualidade e/ou como os estudos queer omitem questões de raça” (JOHNSON; HENDERSON, 2005: 17). Como argumenta Zabus:

A representação crescente do desejo pelo mesmo sexo fora do vocabulário de desvio e arrependimento está ligada a ajudar a quebrar a cegueira epistêmica africana para um desejo que é universal, mesmo que seja culturalmente relativizado e composto por especificidades locais e temporais. No entanto, os homossexuais africanos nunca podem ser confortavelmente inseridos nas políticas de identidade esculpadas nas lutas de libertação de gays e lésbicas ocidentais, e mesmo exibindo características (pós)queer, das quais modelos alternativos de subjetividade podem ser gerados. Outras subjetividades emergentes também são criadas pelas novas mídias (ZABUS, 2021: 393).

Em outras palavras, uma política das identidades essencialista só reforça as estruturas de poder predominantes. Daí que, de acordo com Haraway, a “monstrosidade inapropriada/vel” não deverá ser um mero reflexo ou espelho da alteridade, mas uma possibilidade de ir além da crítica desconstrutiva. São as diferenças que geram interferência difratária para criar novos inter-saberes.

A “consequência” dessa tecnologia generativa, fruto de uma gravidez monstruosa, poderia ser equiparada ao “inapropriado/vel [...]”. A posição histórica daqueles que não podiam adotar a máscara do “eu” ou do “outro” oferecida pelas narrativas ocidentais modernas da identidade e política anteriormente dominantes. Ser “inapropriado/vel” não significa “estar em relação com” [...]. Significa estar em uma relação crítica e desconstrutiva, em uma racionalidade difratária e não refratária, como formas de estabelecer conexões poderosas que vão além da dominação. Ser inapropriado/vel é não se encaixar na taxon, é estar colocado no lugar errado nos mapas disponíveis que especificam tipos de atores

⁷ Não é meu objetivo simplificar toda a diversidade de autoras e autores que trabalham desde uma perspectiva da subalternidade, pluriversal e interseccional situada, mas contribuir ampliando o debate que Preciado traz no seu discurso. Inclusive é uma tarefa muito complexa categorizar cada uma delas dentro de uma corrente específica, pois transitam de um lado para o outro, nos interstícios criados pelos seus próprios pensamentos em travessias.

e tipos de narrativas, mas também não deve ser originalmente ficar preso pela diferença (Haraway, 1999: 125-126).

Os diversos domínios científicos, analisados desde uma perspectiva interseccional (OYÊWÙMI, 2001); (COLLINS, 2000), contribuem ao nascimento de um novo paradigma epistémico. A expressividade e performatividade dos corpos são essenciais não só para a transformação das espacialidades, mas também da produção e reprodução social. Uma crítica refratária à racionalidade moderna-eurocêntrica e etnocêntrica e à sua pretensão de universalidade (ALEXANDER; MOHANTY, 2010) poderá conduzir, finalmente, a caminhar em direção a uma epistemologia da corpo-política.

3) *Apelo à ocupação da espacialidade.*

Preciado apela para a ocupação da espacialidade que habitamos, para coletivizar a palavra, politizar os corpos, desbinarizar a sexualidade e descolonizar o inconsciente. Para ele, um novo paradigma científico só poderá sobreviver se responder aos desafios da diversidade e heterogeneidade ontológica do mundo.

Uma descolonização do inconsciente é um imperativo no trabalho do autor, cujo objetivo é gerar um reconhecimento dialógico entre conhecimentos e saberes dando uma especial atenção aquelas formas de ser-saber que tradicionalmente têm sido marginalizadas e perseguidas, como acontece com os corpos trans. Metodologicamente, Preciado faz parte de uma linha de autoras que não escrevem *sobre*, mas escrevem *desde* o próprio corpo (HOOKS, BRAH, SANDOVAL, ANZALDÚA, 2004), procurando desafiar a taxonomia binária e racial de pessoas consideradas monstruosas para o sistema científico colonial heteronormativo (PRECIADO, 2019).

Eu, um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como "transexual", caracterizado na maioria dos seus diagnósticos psicanalíticos como sujeito de uma "metamorfose impossível", situando-me, segundo a maioria de suas teorias, além da neurose, no limite ou mesmo em psicose, em sua opinião, incapaz de resolver corretamente um complexo de Édipo ou tendo sucumbido à inveja peniana (PRECIADO, 2020a: 16-17).

O autor procura pensar a partir da heterogeneidade da existência, passando pela relação de violência e desapropriação dos corpos, “do terror de ser anormal” (PRECIADO: 45). Os novos processos de identificação e a não simplificação binária homem-mulher, homossexual-heterossexual, configura cruzamentos e processos de

hibridização pós-identitária. O seu fundamento é a crítica ao caráter puramente performativo dos corpos (o gênero como efeito de práticas linguísticas e culturais), mas a importância da sua materialidade corpo-espacial. O caráter normativo das representações biológicas e os códigos culturais binários pertencem a um regime de verdade que é arbitrário a um novo paradigma de outras corpo-políticas epistêmicas.

É neste sentido que o estudo da “somateca”⁸ colonial do poder é uma proposta importante do Preciado: a ideia do estudo de arquivos políticos vivos mediados pelas instituições disciplinares hetero-coloniais e mono-sexuais do cânone científico moderno/ocidental. O trabalho de Federici (2017), sobre a história dos corpos das mulheres e caça as bruxas, é um grande exemplo da somateca a partir da crítica à divisão sexual do trabalho no capitalismo colonial-moderno, mas ainda é necessário pensar uma outra forma de organização política dos corpos e da sexualidade, da produção e reprodução social de subjetividades corpo-espaciais.

As principais questões levantadas nesta resenha do texto do Preciado foram: é a diversidade epistêmica do mundo um reflexo da pluralidade ontológica do mundo? Quais processos de inter-aprendizagem podem existir entre universos epistêmico-ontológicos diferentes, por exemplo, entre: *sangoma* no sistema Zulu; *muxe* e *nguiu* no sistema Zapoteca; *machi weye* no sistema Mapuche; *kuchu* em Swahili; *oxumarê* no candomblé; *hijra* no hinduísmo, para nomear algumas? Como ampliar o conhecimento de formas de desejo que não podem ser inscritas discursivamente na linguagem hegemônica branca-queer, pois, têm um conteúdo cultural, histórico e colonial diferenciado que impede a tradução direta dos gêneros e sexualidades?

Da mesma forma em que Pedro, o Vermelho, não quer morrer patologizado ou exotizado em uma prisão epistemológica antropocêntrica, existe também o risco de viver em uma prisão epistêmica monstruosa, que embora questione o sistema heteronormativo, termina por suprimir as diferenças ontológicas, subjetividades e corporalidades a favor da unidade essencialista epistemológica. Uma postura ontoepistêmica de corpos falantes deverá fazer uma ruptura conceptual com marcos analíticos que só reconhecem um tipo de corporalidades e determina outros como produto do desvio, assim poderão emergir novas ferramentas uteis para a produção e reprodução de subjetividades.

⁸ Cfr. <https://www.museoreinasofia.es/pedagogias/centro-de-estudios/somateca-produccion-biopolitica-feminismos-practicas-queer-trans>

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, M. Jaquie, MOHANTY Chandra Talpade (2010). “Cartographies of Knowledge and Power: Transnational Feminism as Radical Praxis”. *Critical Transnational Feminist Praxis*. SWARR, A, NAGAR, R. (Eds.). Albany, NY, Suny Press. pp. 23-45.
- CHAKRABARTY, Dipesh (2000). *Provincializing Europe. Postcolonial thought and historical difference*. Princeton, Princeton University Press.
- COLLINS, Patricia Hill (2000). *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Nova Iorque, Routledge.
- CRENSHAW, Kimberlé (1989). “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics”. *Feminism in the law: Theory, Practice, and Criticism*. Chicago: University of Chicago. Pp. 139-167.
- ESPINOSA, Yuderkis, (2007). *Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina*. Buenos Aires-Lima, En la Frontera.
- FANON, Frantz (2009). *Piel negra, máscaras blancas*. Madrid, Akal.
- FEDERICI, Silvia (2017). *Calibã e a Bruxa. Mulheres corpo e acumulação primitiva*. São Paulo, Elefante.
- FRANCO, Marielle (2014). *UPP. A redução da favela a três letras. Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense.
- GALINDO, Maria (2011). *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar. Teoría y propuesta de la despatriarcalización*. La Paz, Mujeres Creando.
- GONZALEZ, Lélia (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, e diálogos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor.
- HALBERSTAM, Judith (2008). *Masculinidad Femenina*. Madrid, Egales.
- HARAWAY, Donna (1999). “Las promesas de los monstruos: una política regeneradora para otros inapropiados/bles”. *Política y Sociedad*. N. 30. Madrid, Universidad de California. Pp. 121-163.
- HOOKS, bell, BRAH, Avater, SANDOVAL, Chela, ANZALDÚA Gloria (2004). *Otras inapropiables. Feminismos desde las fronteras*. Madrid, Traficantes de Sueños.
- JOHNSON, Patrick, HENDERSON, Mae (2005). *Black Queer Studies. A critical Anthology*. Durham and London, Duke University Press.
- KILOMBA, Grada (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa, Orfeu Negro.
- LANE, Nikki (2016). “Bringing flesh to theory: Ethnography, Black Queer Theory, and Stuying Black Sexualities”. *Feminist Studies*. 42, 3. Pp. 632-648.
- LOOMBA, Ania (1998). *Colonialism/Postcolonialism*. Londres, Routledge.

- LORDE, Audre (1993). *Black Unicorn*. Nova Iorque, Norton and Co.
- LUGONES, Maria (2014). “Rumo a um feminismo descolonial”. *Revista Estudos Feministas*. 22 (3): 320. Setembro-dezembro. Florianópolis. Pp. 935- 952.
- MAMA, Amina (1995). *Beyond the Masks: Race, Gender and Subjectivity*. Londres, Routledge.
- MBEMBE, Achille (2001). “As formas africanas de auto-inscrição”. *Estudos Afro-Asiáticos*. Vol. 23. N.1. Pp. 171-209.
- OYÊWÙMÍ, Oyèrónké (2001). *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- PRECIADO, Paul Beatriz. (2000). *Manifesto Contra-sexual*. Lisboa: Orfeu Negro.
- _____. (2009). *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa.
- _____. (2010). *Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en "Playboy" durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama.
- _____. (2019). *Manifesto Contra-sexual*. Lisboa, Orfeu Negro.
- _____. (2020a). *Je suis un monstre qui vous parle: rapport pour une académie de psychanalystes*. Paris, Bernard Grasset.
- _____. (2020b). *Um apartamento em Urano*. Porto. Bazarov.
- QUIJANO, Anibal (2014). *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires, CLACSO.
- ROJAS, Leticia, GODOY, Francisco (2017). *No existe sexo sin racialización*. Madrid, El porvenir de la revuelta. Memoria y deseo LGBTIQ.
- SEGATO, Rita (2015). *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda*. Buenos Aires, Prometeo.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010). *Crítica de la razón postcolonial. Hacia una historia del presente evanescente*. Madrid, Akal.
- WA THIONG’O, Ngugi (2015). *Decolonizing the Mind. The Politics of Language in African Literature*. Barcelona: Debolsillo.
- ZABUS, Chantal (2021). “Outing Africa: On Sexualities, Gender, and Transgender in African Literatures”. *A Companion to African Literatures*. OLAKUNE, George. New Jersey, Wiley.

Resenha recebida em 31 de janeiro de 2022.

Aprovada em: 11 de julho de 2022.

DOI: 10.12957/intellectus.2022.64191